

O JORNAL ELETRÔNICO NO AMBIENTE ESCOLAR: PRÁTICA DE LETRAMENTO FAMILIAR, AGENTIVA, DIGITAL E DO PROFESSOR

Alana Driziê Gonzatti dos Santos (UFRN)¹

alanadrizie@hotmail.com

Maria do Socorro Oliveira (UFRN)

msroliveira.ufrn@gmail.com.br

Considerações iniciais

Cada vez mais, no contexto escolar, procuramos novas formas de se ensinar e aprender, buscando abranger aspectos sociais, culturais e familiares do aluno, do professor e de sua comunidade. As concepções mais recentes no que tange o assunto, especialmente os *estudos de letramento*, assumem a importância de um novo enfoque à escola, propondo-a como um espaço de ação social. Nesse sentido, alternativas para um ensino preocupado com as exigências da atualidade tanto no que tange ao poder de agência necessário pelo aluno, à necessidade de inserção efetiva das famílias nas práticas de leitura e escrita dos alunos e a possibilidades de fortalecimento do professor que se inserem neste contexto estão sendo investigadas.

No nosso trabalho, apresentamos discussões envolvendo uma possibilidade de trabalho a partir do *jornal eletrônico* (PALÁCIOS, 2001), considerado como uma prática de letramento (BAYNHAM, 1995; OLIVEIRA, 2010) a qual se mostra capaz de nortear trabalhos envolvendo o letramento familiar (CAIRNEY, 2005), letramento do professor (KLEIMAN, 2008), letramento digital (LEU ET AL, 2004) e agência (BAZERMAN, 2011). Essa discussão se pauta em uma ação realizada por bolsistas do projeto “O *habitus* de estudar: construtor de uma nova realidade na educação básica da região metropolitana de Natal” (CAPES/OBEDUC/UFRN) em parceria com o programa “Letramentos e políticas públicas: a família na escola” (MEC/UFRN), no ano de 2014, inseridos em uma escola situada no bairro de Nova Descoberta, na cidade de Natal-RN, tendo como colaboradores uma professora polivalente do primeiro ano de ensino fundamental, quatorze alunos da turma na qual ela leciona e seus familiares. Tal construção se insere na área da Linguística Aplicada e é pautada por passos

¹ Bolsista financiada pelo órgão CNPq, inserida no programa de bolsas para nível de mestrado.

metodológicos de paradigma interpretativista (ERICKSON, 1990) e de abordagem etnográfico-crítica (ERICKSON, 1993).

Visamos discutir impactos da construção do *jornal eletrônico* a partir de *eventos de letramento* reunindo os membros da comunidade no ambiente escolar, de forma colaborativa e em práticas sociais, compreender a prática de letramento *jornal eletrônico* e sua relevância no cenário atual, mais especificamente seus possíveis usos relacionados ao ensino e investigar a importância de ações com enfoque no *letramento familiar* e no *letramento do professor* na escola. Para tal, realizamos o trabalho com o *jornal eletrônico*, objeto da pesquisa, relacionando seu caráter agentivo e promovendo mudanças na relação professor-escola-comunidade-famílias.

1. Passos metodológicos

Nossa metodologia se centra na área da Linguística Aplicada (LA), pois a pesquisa evoca a preocupação com uma problemática de natureza situada e que envolve os usos da linguagem – a inserção da família em práticas de letramento do ambiente escolar – além de buscar contribuições com relação à prática de letramento enfocada – o *jornal eletrônico*, a qual carece de pesquisas educacionais, apesar de estar cada vez mais visível nas rotinas da sociedade, além de se mostrar como relevante elemento de elo entre comunidade e escola.

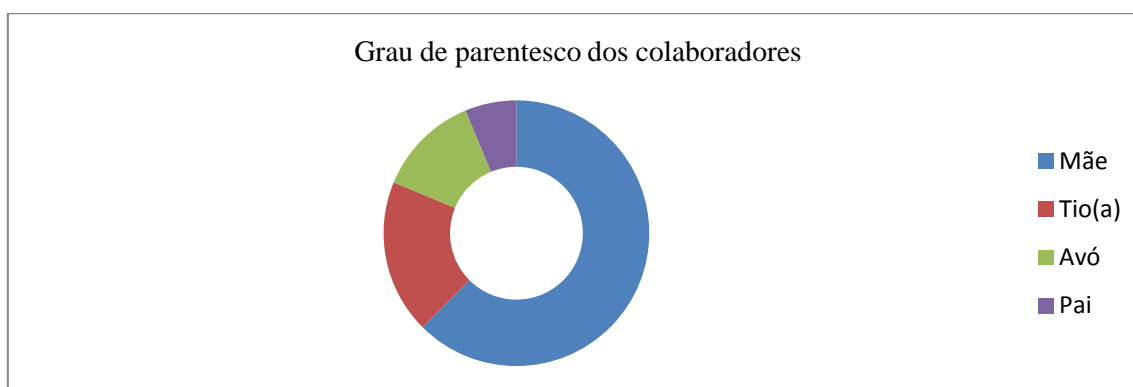
Sob um paradigma interpretativa (ERICKSON, 1990), considerado como uma condução metodológica a qual aponta para interesses nos saberes e significados sociais situados da pesquisa, norteamos nossa pesquisa a partir da abordagem etnográfico-crítica (ERICKSON, 1993; MOITA LOPES, 1993), sabendo que “a etnografia crítica tenta garantir uma visão dos participantes da pesquisa como estando ativamente envolvidos no mundo social que os cerca e quer revelá-los criticamente.” (ERICKSON, 1993, p. 5). Dessa forma, consideramos os participantes da pesquisa, a equipe escolar, os alunos e os familiares do contexto situado, como colaboradores para todo o processo de construção de conhecimento, utilizando, para contemplar suas verbalizações, os seguintes instrumentais: o site do Jornal Flor (edições do jornal e comentários), notas de campo (da pesquisadora e da professora da turma), fotografias e vídeos, questionário, mapeamento, entrevistas, observação participante e roda de conversa reflexiva; nosso *corpus* se constitui das práticas colocadas em cada um destes instrumentos, principalmente o primeiro, o qual engloba a maior parte das produções, e nossa análise traz os impactos destas em relação às teorias que orientam a pesquisa.

A seguir, apresentamos o contexto em que nos inserimos; a escola é municipal e, por isso, com um corpo discente de aproximadamente quinhentos alunos, atende aos alunos da comunidade em que se situa (bairro de Nova Descoberta). Nosso trabalho foi realizado no turno matutino, em uma turma de primeiro ano de ensino fundamental, na qual o professor responsável, também bolsista do projeto que apoia as ações, é polivalente, tendo contato diário com os alunos e as famílias. Este fator foi relevante para o planejamento de ações com certa liberdade de horários e facilitador para gerar maior envolvimento entre os agentes.

Gostaríamos de ressaltar, neste tópico, a importância da construção de relações amigáveis nos ambientes de pesquisa e nas relações educacionais. Consideramos que, em pesquisas que envolvem colaboradores, muitos fatores podem surtir efeitos positivos e negativos nos achados; diante disso, nossa pesquisa possui avanços que só foram possíveis através da parceria que pôde ser efetivada, principalmente, com a docente da turma situada, e percebemos este fator como impactante nas construções de conhecimento realizadas. Nosso olhar só se voltou às práticas de letramento no trabalho do professor a partir desta relação positiva que houve para o andamento das ações.

A turma do primeiro ano A é composta por quatorze alunos, quatro meninos e dez meninas, de faixa etária média de seis anos de idade. Cada um destes participou dos encontros para realização de eventos de letramento para o *Jornal Flor* (título criado pelos colaboradores ao jornal eletrônico produzido) acompanhado de um membro familiar, o qual não precisava ser fixo. Nossas ações apontaram para o seguinte gráfico de participações, realizado através de uma média de colaboradores em todos os encontros:

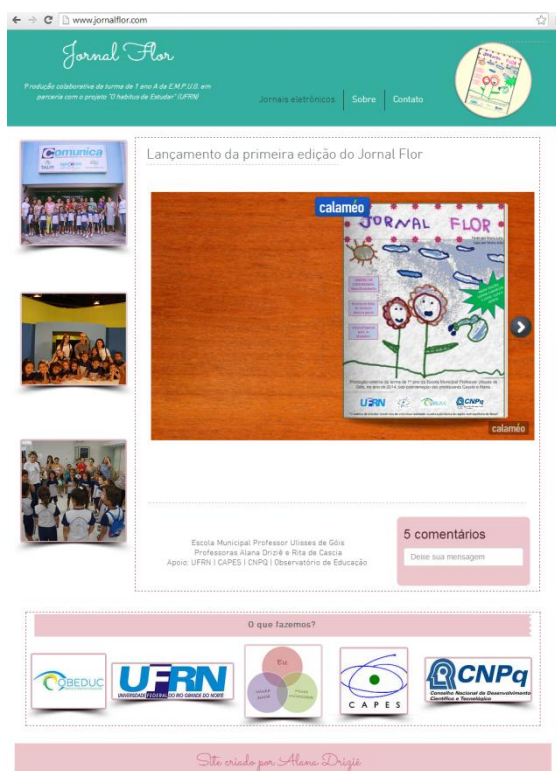
Gráfico 1 – Grau de parentesco dos agentes aos alunos



Fonte: Acervo da pesquisa

A prática de letramento realizada, o Jornal Flor, teve sua primeira edição publicada no dia 03/06/2014, e ainda conta com duas publicações pendentes (em andamento). Ele está disponível para acessos no link [HTTP://jornalflor.com](http://jornalflor.com), plataforma que evoca interações *online* entre o professor, as famílias e as redes, que acabam por ultrapassar as barreiras que tínhamos em produções impressas. Considerando que o *letramento digital* já exerce influências na escola, utilizamos dele com o fim de compartilhar as práticas letradas do contexto da alfabetização com a comunidade.

Figura 1 – Captura da tela das nossas produções virtuais



Fonte: Site [HTTP://jornalflor.com](http://jornalflor.com)

2. Referencial teórico

Nossos pressupostos teóricos se centram nos *estudos de letramento*, mais especificamente em considerações sobre práticas de letramento (BAYNHAM, 1995; OLIVEIRA, 2010), letramento familiar (CAIRNEY, 2005), letramento do professor (KLEIMAN, 2008), letramento digital (LEU ET AL, 2004) e agência (BAZERMAN, 2011); triangulamos estes movimentos ao considerar, também, teorizações de estudos em mídias sobre o jornal eletrônico (PALACIOS, 2001), visto o diálogo com outras

disciplinas realizado pela LA sempre que necessário para melhor compreensão das questões sociais que envolvam a linguagem.

Letramentos evocam práticas sociais e, portanto, englobam a escola, mas não se restringem a ela.

[...] os letramentos, vistos como práticas sociais, necessitam ser melhor entendidos nos seus contextos sociais e históricos; são fruto de relações de poder; servem a propósitos sociais na construção e troca de significados; formatam e são formatados pela cultura; sofrem interferência de posições ideológicas, podendo estas serem explícitas e implícitas; são dinâmicos à medida que são determinados por injunções de natureza econômica (globalização), tecnológica (recursos da mídia e da *internet*), política (políticas públicas de educação) e histórica (certas práticas valorizadas numa determinada época que perdem o seu valor noutra tempo). [...] (OLIVEIRA, 2011, p. 329)

No contexto escolar isso se torna ainda mais evidente, dadas as múltiplas aptidões cobradas dentro e fora da sala de aula. Assim, surge a preocupação com “letramentos do futuro” e com a inserção de comunidades a essas novas formas letradas em ambientes escolares, do trabalho ou cotidianos. Os novos letramentos, conforme apontado por Leu et al (2004), incluem “as habilidades, estratégias e disposições necessárias para utilizar de forma bem sucedida e se adaptar aos contextos de comunicação e informação que emergem de forma contínua e influenciam todas as áreas de nossas vidas profissionais e pessoais”.²

Considerando essa natureza plural dos letramentos, voltamos nosso olhar para o *letramento familiar*, campo ainda em ascensão em pesquisas brasileiras. Justificamos nosso enfoque por acreditarmos que “(...) as escolas geralmente precisam entender famílias e comunidades nas quais os alunos estão situados. Há uma necessidade de diálogo genuíno entre escolas e comunidade.” (CAIRNEY, 2005, p. 52)³. Essa necessidade se relaciona, principalmente, às possibilidades de empoderamento que tal prática traz ao contexto dos trabalhos.

Assim, vê-se necessária uma definição de *agência* na perspectiva dos letramentos, sendo ela que, através da escrita, de acordo com Bazerman (2011, p. 11-12), “fornece-nos meios pelos quais alcançamos outros através do tempo e do espaço,

² [...] The new literacies of the Internet and other ICTs include the skills, strategies, and dispositions necessary to successfully use and adapt to the rapidly changing information and communication technologies and contexts that continuously emerge in our world and influence all areas of our personal and professional lives. (tradução adaptada nossa)

³ “(...) Schools generally need to understand families and the communities within which they are situated. There is a need for genuine dialogue between schools and their communities.” (tradução nossa)

para compartilhar nossos pensamentos, para interagir, para influenciar e cooperar”.

Coloca-se, assim, a *agência*, como:

[...] a interação na modalidade falada, seja em conversas, seja em discussões e debates, favorece não só a troca de informações assim como a partilha de saberes, fornecendo, adicionalmente, subsídios para a prática da escrita. Isso apenas ocorre se pensarmos leitura e escrita como atividades complementares: não há leitura sem textos (escritos ou não), da mesma forma que não se imagina escrita sem atos de leitura. Afinal, ler e escrever são ações que se dão em resposta a textos lidos, ouvidos, imaginados e vividos. (OLIVEIRA, 2010, p.35)

Não só para as famílias e para os alunos, a *agência* é um mecanismo que serve a propósitos de todos os envolvidos em dado contexto e, assim, não pode estar excluído destas ações o professor. Com relação a pesquisas com este profissional, há algumas questões ainda hoje polêmicas.

as complexas relações entre o professor e os órgãos que formam e regulam a carreira docente, entre as quais a relação quase simbiótica que existe entre escola e academia, e que se manifesta de maneiras potencialmente empobrecedoras para o professor. Por exemplo, sala de aula, professor, aluno, sua interação e seus textos são, todos eles, separada ou conjuntamente, objeto de constante escrutínio por parte de pesquisadores da universidade, sem que haja um retorno reconhecido como tal pelos professores que, muitas vezes, não preveem quanto pode ser inquisitiva a pesquisa. (KLEIMAN, 2008, p. 489)

No campo dos estudos de letramento, a abordagem dos trabalhos é diferenciada, notada a preocupação para que os resultados das pesquisas não sejam “utilizados para reproduzir estereótipos sobre o docente” (KLEIMAN, 2008, p. 489). Outra mudança em nossa proposta se pauta na concepção de que, geralmente, a preocupação com o letramento do professor se relaciona a uma preocupação com saberes linguísticos que este profissional deve ter, e, ainda, propõe-se cursos de formação continuada, modelos didáticos ou apostilas para que os docentes aprimorem seu ensino. Em nossa pesquisa apontamos uma alternativa e consideramos o trabalho colaborativo realizado entre os pesquisadores e o professor, assim como os outros colaboradores da sala de aula, como ferramenta para propiciar reflexões críticas e mudanças no cenário de ensino em que nos situamos.

3. Discussão

A seguir, amparados pelas concepções acima, iremos discutir quatro recortes do nosso jornal que serão apresentados nas próximas páginas e representam aspectos de ordem familiar, docente, tecnológica e agentiva.

Figura 2 – Páginas da nossa primeira publicação



Fonte: Acervo da pesquisa

Por ordem sequencial das imagens, vemos na primeira a apresentação dos editores; nesta seção, se colocam os alunos, familiares, o professor e o pesquisador; destacamos a importância das histórias de cada colaborador e de uma criação de identidade, para que houvesse autoria nas produções. Colocarmo-nos, pesquisadores e professores, entre os editores, deu-nos uma concepção de pertencimento e de também aprendentes daquele contexto. O professor colocou seu relato no que tange às produções dizendo que

“Fazer atividades prazerosas que envolvem a escrita enriquece o hábito da leitura, aumenta a assimilação de conteúdo, amplia o vocabulário, estimular o pensamento crítico e motiva os colaboradores a participarem de todas as atividades para a composição do jornal. Para fazer com que uma criança goste de periódicos, o primeiro passo é acabar com a ideia de que o jornal é utilizado apenas por 'gente grande'.”.

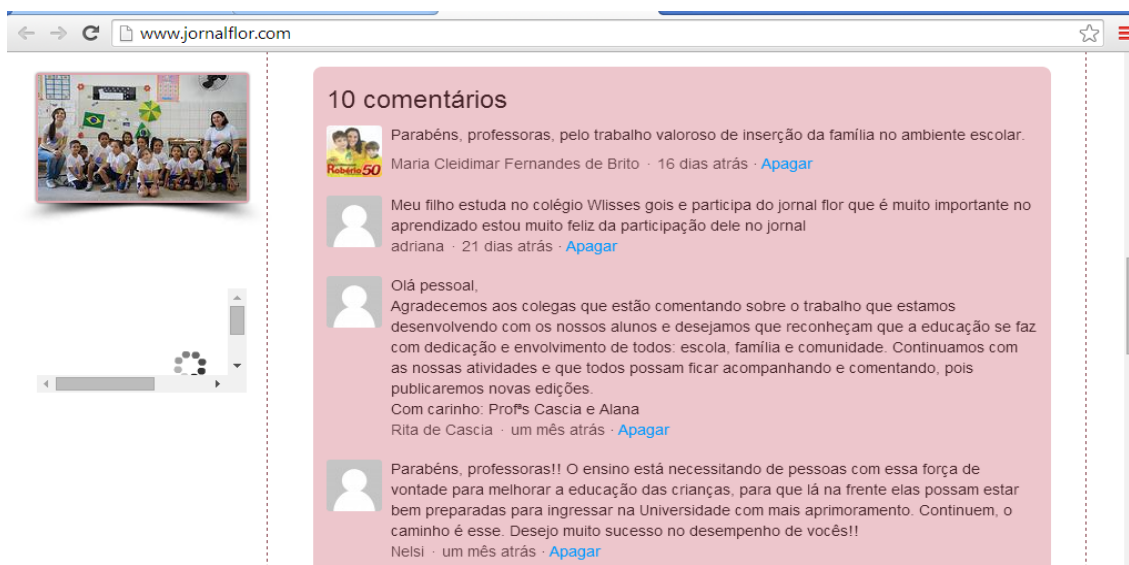
Na segunda imagem, mostramos o momento em que fomos à Universidade Federal do Rio Grande do Norte conhecer a TV Universitária, na qual pudemos compreender mais sobre a produção de um jornal. A matéria que produzimos se constitui de depoimentos colaborativos dos familiares e dos alunos que participaram do passeio, narrando tal experiência. A voz das famílias tanto ao participarem do passeio como ao descreverem a atividade posteriormente revela que há contribuições positivas para as ações quando há envolvimento familiar. As famílias estão satisfeitas com os resultados, e já na primeira edição das impressões do Jornal Flor eram de que devemos continuar com esse trabalho, porque eles achavam que as crianças ficaram muito felizes com suas publicações.

A terceira imagem se trata de uma reportagem informativa sobre o bairro onde a escola é situada e onde todos os alunos vivem. Os relatos, os quais trazem denúncias (a principal foi a violência na região) e aspirações para o futuro do local, foram produzidos pelos familiares e demonstram alto caráter agentivo. O foco na agência como um procedimento de transmitir as atividades no ambiente escolar é uma maneira de traçar ações que vão além da sala de aula. Se considerarmos que as práticas de leitura e escrita são, por sua natureza, sociais, somos capazes de realizar atividades que trazem significado e relevância para os participantes. Além disso, trabalhar com as questões localizadas em seus próprios contextos - os problemas da comunidade, por exemplo - é crucial para o aluno e os participantes a se sentir agentes nesse processo. Assim, para delinear práticas no ambiente escolar, o pesquisador não pode deixar de levar em conta o contexto, os participantes, os seus interesses e as suas necessidades, pois isso traz a sua função social.

Outro fator que queremos ressaltar é o alcance e as possibilidades desenvolvidas a partir de nossas publicações. Até a data desta publicação, tivemos, entre os três meses de publicação, 264 visualizações de página no nosso jornal. Pudemos controlar esses acessos através do site Google Analytics®, o qual faz reportes sobre os visitantes, informando data de visitação, tipo (novo ou antigo visitante), origem e duração da sessão, entre outros.

Além de pesquisadores e outras pessoas interessadas na temática, as interações que foram possíveis dentro da própria comunidade através desta prática digital revelam o potencial do instrumento. A partir da zona de comentários do leitor (proveniente possivelmente da sessão Carta do Leitor das versões impressas dos jornais, mas aqui com a possibilidade de instantaneidade e resposta muito mais eficaz), familiares (a exemplo do segundo comentário da imagem abaixo) e professores (a exemplo do terceiro comentário da imagem abaixo) podem dialogar com os visitantes e mesmo entre eles ressaltando esta experiência para um alcance em constante expansão.

Figura 3 – Comentários à nossa primeira publicação



Fonte: Acervo da pesquisa

Considerações finais

Quais são os impactos da construção do *jornal eletrônico* a partir de *eventos de letramento* no ambiente escolar?

O projeto relacionado com o jornal eletrônico tem sido realizado nas atividades desenvolvidas com diferentes focos de aprendizagem da sala de aula e na escola, com

contribuições de estudantes, famílias e comunidade escolar. Tarefas que envolvem vários gêneros, produções mútuas, escrita individual, experiências coletivas com alunos e pais, dinâmica, jogo, filmes e viagens, tudo visando a aprendizagem e geração de materiais para o jornal que foi realizado com o grupo.

Segundo relatos do professor em sala de aula, o trabalho do jornal na sala de aula é motivar os alunos na apropriação da escrita e da leitura, permitindo o contato com diferentes contextos sociais e levando-os a elaborar produções colaborativas. O esforço também contribui para a divulgação dos resultados da aprendizagem, feita não só na escola, mas também fora dela, porque os jornais são produzidos e distribuídos para toda a comunidade escolar. Além disso, busca-se desenvolver nos colaboradores a competência da escrita fora da escola, que está além da realidade da maioria da alfabetização no contexto, e a consciência de que suas produções são dignas de serem apresentadas à comunidade; a criação desses conceitos torna-os mais preparados para os desafios da sociedade em relação a sua escrita e desenvolve-lhes a perspectiva de ascensão por meio da prática da escrita.

No que diz respeito à família, percebemos um maior envolvimento com o ambiente escolar, bem como a praticidade da função do jornal para informar os familiares sobre as atividades que foram desenvolvidas em conjunto com os seus filhos. Não só os alunos e as famílias acharam o trabalho interessante, assim como a comunidade escolar, especialmente a direção da escola e todos os professores que fazem parte do ensino fundamental deram depoimentos positivos sobre o jornal, os quais farão parte de sua segunda edição, a ser publicada no dia 25/09/2014.

Qual é a importância de ações com enfoque no *letramento familiar* na escola?

Para realizar projetos com foco em letramentos familiar, é preciso estar ciente de que, em geral, existe uma lacuna entre o ensino formal desenvolvido na escola pelo professor e a educação familiar, ligada à esfera dos parentes dos alunos, e também esse cenário muitas vezes faz com que a família não seja um participante ativo no processo educacional do aluno. No entanto, é notável que, quando há interesse da família, há mais disposição e facilidade na construção de aprendizagem na escola, por isso, o envolvimento dos pais em relação à rotina de ensino e aprendizagem na educação formal de seus filhos é importante.

Tendo essas noções, sugerimos questões a serem consideradas em ações voltadas para o letramento da família: (i) o trabalho focado e com objetivos bem

definidos, para que as famílias possam compreender a importância da produção; (ii) a apresentação de tópicos que abordam as necessidades e os interesses das famílias e crianças participantes - preocupação com a situação da comunidade; (iii) a adoção de ações de capacitação, especialmente em comunidades que sofrem algum tipo de exclusão ou que são socialmente marginalizados, com foco em práticas sociais e agentivas de leitura e escrita; (iv) a mobilização dos momentos em que todos os participantes praticam a reflexão sobre suas ações e seu impacto sobre os outros e as suas próprias vidas diárias; (v) a legitimação de conhecimentos e práticas de alfabetização de famílias de eliminar o fosso criado entre as famílias e as escolas; (vi) promover momentos de práticas de leitura e escrita compartilhada entre os alunos e as famílias, proporcionando o diálogo.

Qual é a importância de ações com enfoque no *letramento do professor* na escola?

Em todos ambientes de trabalho, vemos práticas de leitura e escrita e a necessidade de ações que enfoquem nestas produções; no meio escolar, tais movimentos são ainda mais presentes e muitas vezes se deixa a figura do professor de lado para se pensar somente da aprendizagem do aluno. Buscamos trabalhar com diversos colaboradores, explorar suas necessidades e ter um mapeamento geral, levando em consideração todos os fatores, para propiciar um melhor contexto de ações, sendo o professor um desses colaboradores-chave para o ensino. O trabalho conjunto, em vez de incriminatório ou estereótipo, pode contribuir para a formação de pesquisador e professor.

Uma alternativa a este tipo de trabalho é a utilização de projetos de letramento na escola. Com isso, toda a ação será focada na resolução de um problema dos agentes, e irá permitir transformações usando práticas de leitura e escrita; para que estes possam ser utilizados de forma social, devemos chegar a outros membros da comunidade ou mesmo ultrapassá-los, a fim de que nossa produção se torne mecanismo de mudança. Lembramos que, neste contexto, professor e pesquisador devem estar preparados para as constantes mudanças nas atividades e horários, já que estes são movidos por necessidade social.

Ressaltamos que, em pesquisas sociais, a aceitação dos participantes é necessária para que as atividades sejam realizadas, e pensamos que é por isso que é delicado para construir projetos de letramento familiar em nosso contexto. Acreditamos que trabalhos para aumentar a conscientização sobre o espaço da família na escola e sua

importância para estender a aprendizagem ainda são necessários para abrir os horizontes de mais pesquisas relacionadas a este tema.

Referências bibliográficas

- BAYNHAM, M. *Literacy practices: Investigating literacy in social contexts*. (Language in social life series.) London: Longman, 1995.
- BAZERMAN, C. *Gênero, agência e escrita*. (Tradução: Judith Chambliss Hoffnagel) – 2ª edição – São Paulo: Cortez, 2011
- CAIRNEY, T. H. Literacy diversity: Understanding and responding to the textual tapestries of home, school and community. In: *Portraits of Literacy across families, communities and schools* (Orgs ANDERSON, J.; KENDRICK, M; ROGERS, T; SMYTHE, S.). London: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.
- ERICKSON, F. Qualitative methods. *Research in teaching and learning*. V. 2. New York: Macmillan Publishing Company, p.75-200, 1990.
- _____. *Novas tendências da pesquisa etnográfica em Educação*. Conferência proferida na Faculdade de Educação da USP. 1993.
- KLEIMAN, A. B. Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v. 8, n. 3, p. 487-517, set./dez. 2008
- LEU, D. at AL. Toward a theory of new literacies emerging from the internet and other information and communication technologies. In: R. B. RUDDELL & N.J. UNRAU (Eds.) *Theoretical Models and Processes of Reading*, Newark. DE: International Reading Association, 2004.
- MOITA LOPES, L. P. *Etnografia crítica: um paradigma de pesquisa em Linguística Aplicada*. Intercâmbio, São Paulo, v. 3, 1993.
- OLIVEIRA, M. S. Gêneros textuais e letramento. In: *RBLA*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 325-345, 2010.
- OLIVEIRA, M. S.; TINOCO, G. A.; SANTOS, I. B. A. *Projetos de letramento e formação de professores de língua materna*. Natal: EDUFRN, 2011.
- PALACIOS, Marcos. *Fazendo Jornalismo em Redes Híbridas: Notas para discussão da Internet enquanto suporte mediático*. Salvador: FACOM, 2002.